



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

CURSO DE ARQUEOLOGIA E GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Comércio a longa distância no litoral e interior de Moçambique: uma análise a partir da contribuição do entreposto comercial de Nova Sofala

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural da
Universidade Eduardo Mondlane

Por: Estela Ernesto Matambisso

Maputo, 2021

**COMÉRCIO A LONGA DISTÂNCIA NO LITORAL E INTERIOR DE
MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONTRIBUIÇÃO DO
ENTREPOSTO COMERCIAL DE NOVA SOFALA**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural da
Universidade Eduardo Mondlane por Estela Ernesto Matambisso

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Prof. Dr. Hilário Madiquida

Maputo, 2021

O Júri			
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
_____	_____	_____	___/___/___

ÍNDICE

DECLARAÇÃO.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS	iii
LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS	iv
LISTA DE MAPAS, FIGURAS E TABELAS	v
RESUMO	vii
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	1
1.1. Objecto de estudo.....	2
1.2. Justificativa.....	2
1.3. Problema de Pesquisa	3
1.4. Pergunta de Partida	5
1.5. Objectivos	5
1.5.1. Geral	5
1.5.2. Específicos.....	5
1.6. Hipótese	5
1.7. Definição de conceitos.....	5
1.8. Método de trabalho	6
CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA	9
2.1. Investigação arqueológica na região Centro	9
2.1.1. Período colonial.....	9
2.1.2. Período pós-colonial	11
2.1.3. Fontes escritas	11
CAPÍTULO III – CARACTERÍSTICAS GEO-AMBIENTAIS DE BÚZI-NOVA SOFALA.....	13

1.1. Localização geográfica	13
2.2. Clima.....	14
1.2. Vegetação.....	15
1.3. Geologia.....	16
1.4. Paisagem	18
CAPÍTULO IV - NOVA SOFALA NO CONTEXTO DO COMÉRCIO À LONGA DISTÂNCIA NA COSTA LITORAL E INTERIOR DE MOÇAMBIQUE	20
4.1. Breve contextualização	20
4.2. Evidências identificadas em Nova Sofala.....	21
4.3. Correlação das evidências do comércio a longa distância de Nova Sofala	23
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
Referências bibliográficas	28

DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela resulta da minha investigação pessoal, estando indicadas ao longo do texto as fontes que utilizei para sua materialização”.

Maputo, 2021

Estela Ernesto Matambisso

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Ernesto Matambisso e Graça Mucuho que sempre me motivaram, e com sabedoria souberam me apoiar, aos meus irmãos Cosme Matambisso, Glória Matambisso, Ernestina Matambisso e Diana Matambisso e pelo carinho e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a DEUS, o criador!

Ao meu supervisor, Prof. Doutor Hilário Madiquida, pela orientação no desenvolvimento do trabalho e apoio prestado durante a minha formação. Aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia, em especial à Dra. Kátia Filipe.

Aos meus pais, Enesto Matambisso e Graça Mucuho. Irmãos, Glória Matambisso, Ernestina Matambisso, Diana Matambisso e Cosme Matambisso pelo apoio incondicional.

As minhas amigas Aida Carvalho e Salma Mandlate. De igual modo, aos meus colegas da turma de arqueologia 2016, Ilda Penicela, Melisoria Dulce, Chester Manganhela, Pedro Milando e Alda Mbiza pela partilha de ensinamentos e experiências. Aos demais colegas do curso, especialmente ao Sebastião Jone.

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

A.c – Antes de Cristo

AD – *Anno Domini*

AHM – Arquivo Histórico de Moçambique

CAPM – Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique

CIPRIANA - Campanha da Implementação do Projecto de Investigação Arqueo-Antropológica da Província de Nampula.

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

IF – Idade do Ferro

IFS – Idade do Ferro Superior

IICT - Instituto de Investigação Científica Tropical

MAE - Ministério da Administração Estatal

MAM – Missão Antropológica de Moçambique

MICOA – Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental

PNG – Parque Nacional da Gorongosa

SAREC - Agência Sueca Para a Investigação Científica

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

LISTA DE MAPAS, FIGURAS, TABELAS E FOTOGRAFIAS

Mapas

Mapa 3.1: Localização geográfica do Distrito de Búzi (fonte: adaptado do googlemaps).	13
Mapa 3.2: Localização geográfica de Nova Sofala (fonte: adaptado do Google Earth). 14	
Mapa 3. 4: Local escavado, Nova Sofala (fonte: adaptado do googleearth2021).....	14
Mapa 3.5: Distribuição de mangais no distrito de Buzi (fonte: MICOA 2012:24).	16
Mapa 3.6: Formação geológica do distrito de Búzi (Fonte: MICOA 2012:9).	17
Mapa 3.7: Geologia de Búzi (Fonte: MICOA 2012:7).....	18
Mapa5.8: Área de estudo (Fotografia aérea obtida por drone, elaborado por Rafael 2018).	33

Figuras

Figura 3.1: Paisagem da região de Nova Sofala (Fonte: MICOA 2012:27).....	19
---	----

Tabelas

Tabela 4.1: Evidências de Nova Sofala	23
Tabela 4.2: Classificação de séries de missangas vidradas baseada na morfologia de acordo com Wood.....	24

Fotografias

Fotografia 1.1Sanja A e B, sucessivamente, a 0-5 cm (fotografia tirada por Rafael 2018).	7
Fotografia 4.2: Cerâmica local identificada à superfície (fotografia tirada por Rafael 2018).	21
Fotografia 4.3Cerâmica local Sanja A e B, sucessivamente (fotografias tiradas por Rafael 2018).	22
Fotografia 4.4: Ossos de animais identificados à profundidade de 100-120 cm, Sanja B (fotografia tirada por Rafael 2018).	22
Fotografia 4.5: Cerâmica in situ a 100-120cm, Sanja B (fotografia tirada por Rafael 2018).	22
Fotografia 4.6:Missangas e porcelana chinesa, sucessivamente (fotografias tiradas por Rafael 2018).	23

Anexos

Fotografia 1: Sanja A à 50cm de profundidade (fotografia tirada por Rafael 2018).....	31
Fotografia 2: Sanja A à 130 cm de profundidade (fotografia tirada por Rafael 2018)...	31
Fotografia 3: Corte estratigráfica da Sanja B à 120 cm de profundidade (fotografia tirada por Rafael 2018).	32

Fotografia 4: Sanja B à 180 cm de profundidade (fotografia tirada por Rafael 2018)...	32
Fotografia 5.11: Alguns dos vestígios de Nova Sofala (fotografia tirada por Rafael 2018).....	32
Mapa 1: A área de estudo (fotografia aérea obtida por drone, elaborada por Rafael 2018).....	33

RESUMO

O estudo do entreposto comercial de Sofala, baseou-se no levantamento bibliográfico e trabalho de campo que, através da prospecção, escavação arqueológica e consulta as comunidades locais, resultaram na obtenção de dados que permitiram efectuar analogias e estudo das hipóteses, assim como objectivos deste trabalho.

Em Nova Sofala, pelas evidências identificadas, eram realizadas diversas actividades características do II Milénio A.D. Entretanto, o comércio à longa distância foi a principal actividade de Nova Sofala que, rapidamente, impactou no seu desenvolvimento, tendo perdurado desde o estabelecimento dos árabes, posteriormente os portugueses, até a invasão Nguni.

Nova Sofala foi estabelecida antes da chegada dos portugueses e mantinha ligações com diversas regiões do litoral e interior, pois funcionou como um corredor onde artigos importados, com destaque para missangas vidradas e porcelana circulavam, como bens de prestígio para as chefaturas do interior e outros entrepostos da costa litoral. Com a chegada dos portugueses no século XV, os árabes foram substituídos pelo capital mercantil europeu, o apogeu de Nova Sofala deve-se a sua localização geo-estratégica.

Palavras-chave: Comércio a longa distância, Nova Sofala, Entreposto Comercial, Litoral, Interior.

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

O presente trabalho "*Comércio à longa distância no litoral e interior de Moçambique: uma análise a partir da contribuição do entreposto comercial de Nova Sofala*" analisa o contributo da estação arqueológica de Nova Sofala, como entreposto comercial, que no auge da expansão mercantil asiática e europeia, foi ponto de convergência de produtos de diferentes comunidades do interior, da costa litoral e de regiões intercontinentais, resultando também no intercâmbio cultural.

O entreposto comercial de Nova Sofala tinha uma localização geo-estratégica, favorecendo à navegação marítima, assim como acesso às zonas auríferas do interior (Madime 2015). Estas condições foram decisivas para atrair árabes e portugueses, a desenvolverem as trocas comerciais. Os produtos locais, detinham valor imensurável para as comunidades longínquas, que vinham desenvolver o comércio, através de Nova Sofala, criando assim, redes do comércio a longa distância e abastecimento de produtos aos mercados das comunidades envolvidas (africanos, asiáticos e europeus).

Mais do que ponto de ligação do litoral ao interior, Nova Sofala evidencia o intercâmbio cultural entre comunidades locais e estrangeiras, demonstrada através das evidências arqueológicas identificadas. A costa litoral, na qual o entreposto comercial de Nova Sofala estava inserido, estava ligada a um interior que detinha regiões férteis para produção, com fauna diversificada e abundância de ferro, ouro, prata e cobre (Duarte 1987; Rita-Ferreira 1982).

Todas estas riquezas, atraíram, durante séculos, comerciantes das mais diversas origens que se dirigiram para negociar com as populações locais, tendo a sua contribuição sido fundamental no desenrolar da sua história. Não obstante, os contactos que se processaram durante todo esse movimento milenar que teve como palco o oceano Índico, aproximou civilizações e confrontou economias e culturas diversas, tiveram uma contribuição fundamental na formação daquilo que são, hoje, as diversas nações desta parte do Mundo, com os seus povos e a sua cultura (Duarte 1987:6).

Com isso, Nova Sofala auxilia no estudo do comércio à longa distância e das particularidades do entreposto, desempenhando assim um papel preponderante no conhecimento das antigas redes do comércio pré-colonial e pós-penetração europeia, que actual Moçambique estava ligado.

1.1. Objecto de estudo

A estação arqueológica de Nova Sofala está localizada na província de Sofala, distrito de Buzi. Está relacionada ao comércio a longa distância, tendo como ligação o oceano Índico. Nova Sofala, como assentamento Árabe, mantinha ligações com a costa oriental e interior, permitindo o escoamento de várias mercadorias. Sua importância comercial manteve até a penetração e desenvolvimento do capital mercantil europeu.

Face a sua importância comercial, a região que compreende Nova Sofala, foi estudada por Dickinson e Liesegang que identificaram várias evidências da actividade comercial a longa distância, relacionadas aos Árabes, assim como portugueses (o local abarcava a fortaleza de Sofala).

A partir do ano de 2018, uma equipa composta por investigadores e estudantes nacionais e estrangeiros, tem vindo a efectuar pesquisas em Nova Sofala. Para Além de evidências de artigos importados, foram identificadas acervo composto por cerâmica local, ossos de animais (bovino), escoria de fundição ferro, conchas e missangas locais.

1.2. Justificativa

Nova Sofala perdurou como palco de ligações comerciais ao longo do Oceano Índico e interior, galvanizado pela sua localização privilegiada, numa região que, em termos marítimos, ofereciam boas condições de navegação e acesso as zonas do interior, permitindo escoamento de diversos produtos locais e importados.

Neste comércio, o oceano Índico sempre foi o principal corredor (Duarte 1993; Madiquida 2007), de onde barcos navegavam de um lado para outro com objectivo de comercializar. Com este comércio, foram estabelecidos entrepostos comerciais, frequentemente localizadas ao longo da costa litoral, que permitiam a realização das trocas, ou seja, eram o ponto de convergência.

Neste contexto, Nova Sofala desempenhou este papel, tendo, conseqüentemente, sido palco de difusão de uma série de transformações no nosso território. As evidências identificadas na estação são de real importância para o estudo do comércio a longa distância, acima de tudo, para demonstrar que Moçambique, desde muito cedo, esteve ligado a uma rede comercial. Os relatos de fontes escritas de diversas origens,

descrevem regiões prósperas de Moçambique no passado, face a impacto do comércio a longa distância, que necessitam de ser desvendadas.

Perante esta imprescindibilidade, há necessidade de serem efectuados estudos para identificar os entrepostos comerciais relatados pelos viajantes asiáticos e europeus para melhor conhecimento sobre o comércio a longa distância (rotas comerciais, produtos trocados e sua proveniência, assim como as evidências encontradas nas estações arqueológicas), que testemunham contactos comerciais e culturais entre vários povos.

Estes aspectos motivaram-me para escolher e escrever sobre este tema, particularmente, para perceber melhor esta temática e contribuir no conhecimento sobre o entreposto comercial de Nova Sofala no contexto do comércio a longa distância. Entretanto, a minha participação no trabalho de campo em 2018, financiado pela SIDA-SAREC e liderado pelo professor Hilario Madiquida, o qual tinha em vista estudar entrepostos comerciais, com destaque para Nova Sofala, foi outra motivação para escolha do tema.

1.3. Problema de Pesquisa

O comércio marítimo através do Indico, interligando o litoral e os territórios auríferos do interior, permitiu o contacto entre diversos povos e essas relações comerciais eram parte de um processo mundial. As regiões auríferas próximas do rio Zambeze, no interior do continente foram as primeiras com as quais se estabeleceram relações comerciais (Gabinete 2019:66).

Há antigos relatos de viajantes asiáticos que descrevem a existência de um entreposto próspero ao longo da costa oriental que se designava Sofala ou Sufalah dos Zandj. Al-Massudi, relata a existência de Sofala antes do século X na região costeira do litoral de Moçambique (Carvalho 1988:57 citados por Madime 2015:15). Os antigos geógrafos usavam o topónimo Sufala (que significa terra baixa), para designar a região que compreende a faixa da costa litoral que se estende de Pangani (norte da Tanzânia) até ao sul de Moçambique (Masão e Mutoro 2010:703-4 citados por Madime 2015:15).

De igual modo, viajantes portugueses, Frei João dos Santos ([1609]1999), Padre António Gomes (1648), Frei Francisco de Santa Catarina (1744), Pedro Barreto de Resende (1635), descreveram no mesmo sentido, ou seja, sobre entrepostos envolvidos nas trocas comerciais ao longo da costa litoral (Axelson 1959; Boxer 1960 citados por Madime 2015:4).

Estes relatos, levaram diferentes pesquisadores, incluindo amadores, a investigar, de modo a identificar e a estudar os locais relatados. Neste contexto, Lerenó Barradas investigou a região de Mambone e suas imediações, tendo descrito antigas ruínas, cemitérios muçulmanos e vestígios de cerâmica importada na ilha de Chiloane e na Baía de Mafomene (Barradas 1967:7 citado por Madime 2015:5).

R. W. Dickinson (1969:1 citado por Madime 2015:5), desencadeou investigações arqueológicas em Sofala, através de colecta à superfície e escavações, com objetivo de obter uma base com evidências arqueológicas, e assim, não se basear apenas nos documentos escritos ou tradição oral.

Liesegang (1972) desenvolveu investigações, tendo chegado a conclusão que havia um antigo assentamento islâmico pré-português na região onde estava localizada a fortaleza de Sofala, construída pelos portugueses. Para Duarte (1987: 6), quando os portugueses chegaram a Moçambique já havia complexo sistema de intercâmbio montado, ligando, através do Oceano Índico, povos e civilizações diversas.

Com a penetração europeia e consequente expulsão de comerciantes árabes, os portugueses iniciaram, em 1505, a construção da fortaleza de São Caetano, para permitir o controlo da navegação marítima, acesso as regiões do interior, com intuito de participar no comércio de ouro, marfim, especiarias, tecidos, porcelana chinesa entre outros (MAE 2005:7; Madime 2015).

Perante o exposto acima, nota-se que desde as primeiras investigações, havia preocupação em aprofundar o conhecimento sobre o comércio a longa distância, através de estudo de entrepostos.

1.4. Pergunta de Partida

1.5. *Qual é a relação de Nova Sofala e a região relatada pelas antigas fontes/relatos árabes, e até que ponto contribuiu no estudo e conhecimento sobre o comércio a longa distância?*

1.6. Objectivos

1.6.1. Geral

- Analisar a estação arqueológica de Nova Sofala, de modo a compreender a sua contribuição no estudo do comércio à longa distância e interacção cultural na costa Oriental de África.

1.6.2. Específicos

- Documentar a estação arqueológica de Nova Sofala;
- Identificar e interpretar os vestígios arqueológicos no contexto do comércio a longa distância;
- Efectuar uma análise comparativa do entreposto de Nova Sofala e outros.
- Contextualizar Nova Sofala no comércio pré-colonial e pós penetração europeia;
- Reflectir sobre a importância do entreposto de Nova Sofala no estudo sobre comércio a longa distância.

1.7. Hipótese

- (a) Nova Sofala teria sido um dos principais entrepostos comerciais do litoral de África, de onde povos asiáticos e africanos efectuavam trocas comerciais e culturais, segundo as fontes Árabes.
- (b) A localização geográfica de Nova Sofala e disponibilidade de produtos, teria motivado os portugueses a se instalarem nesta região.

1.8. Definição de conceitos

- a) Comércio a longa distância

É a relação comercial entre os povos longínquos, muitas vezes, estrangeiros, efectuada através do transporte marítimo. O comércio a longa distância, sempre teve papel

estratégico para as mais diversas nações. Entretanto, foi no mercantilismo que esta actividade ganhou uma dimensão planetária (Machado 2015:40).

b) Costa oriental africana

De acordo com Al-Idrise e IbnSai'd, geógrafos do sudeste asiático do século XII, consideram que esta região se estende de Cabo de Guardafui na Somália para o sul do rio Limpopo (Chittick & Rotberg 1975 citados por Madiquida 2007:27).

Com base nas evidências de artigos importados identificadas em Chibuene, esta região se estende da Somália até a Vila de Vilankulo, zona sul de Inhambane (Madiquida 2007).

c) Entrepasto comercial

Locais onde eram efectuadas as trocas comerciais, muitas vezes, cidades com portos onde embarcações ancoravam para trocar produtos. Nestes locais, exemplo de Nova Sofala, Chibuene, Ilha de Moçambique e Angoche, podem ser identificadas, nos dias actuais, evidências das trocas, testemunhando assim antigas actividades humanas no passado (Duarte 1993; Macamo 2003).

1.9. Método de trabalho

Para a realização do presente trabalho foi necessário dividi-lo em 3 fases, nomeadamente, pesquisa documental, trabalho de campo e análise e compilação de dados.

a) Pesquisa documental:

Foi efectuada nas Bibliotecas Central Brazão Mazula, do Departamento de Arqueologia e Antropologia e Arquivo Histórico de Moçambique. A pesquisa foi extensiva a *sites* disponíveis na internet. A pesquisa documental compreendeu:

-  Identificação;
-  Selecção e;
-  Recolha.

b) Trabalho de campo

Foi efectuado com objectivo de estudar a estação. Os trabalhos de investigação em Nova Sofala, foram antecidos pela pesquisa documental e trabalho de campo que englobou prospecção arqueológica e levantamento de informação oral a comunidade local. A prospecção terrestre foi efectuada através de caminhada na área, enquanto a prospecção área foi efectuada com recurso a um drone.

A escavação arqueológica consistiu:

- ✓ Sanjas 2x1;
- ✓ Divisão de quadrantes usando teorema de Pitágoras;
- ✓ Decapagem de sedimentos por camadas naturais;
- ✓ Crivagem de terra proveniente de contextos específicos.

Tanto na prospecção e escavação foi efectuado o registo fotográfico com recurso a máquinas digitais. Paralelamente, foram realizadas algumas filmagens. A estação da Nova Sofala, situa se num local que sofre erosão costeira, o que possibilitou um estudo minucioso da estratigrafia, de seguida, foram feitos 8 quadrantes usando a teoria de Pitágoras de 2m de largura, após a divisão dos quadrantes foi feita a recolhas superficial do material arqueológico.

Feito a recolha, passou-se à escolha do quadrante onde seria feita a escavação, neste contexto, seguiu-se a linhagem dos quatro quadrantes, onde apresentava maior concentração de vestígios arqueológicos. No quadrante acima citado, fez-se aberturas de duas sanjas, de 2/1, as mesmas foram designadas sanja A e B.



Fotografia 1.1 Sanja A e B, sucessivamente, a 0-5 cm (fotografia tirada por Rafael 2018).

No mesmo contexto, de princípio, foi feita a escavação usando os níveis artificiais de espessuras de 5x5 cm ate atingir se uma média de 60cm de profundidade. No decorrer da escavação, verificou-se um atraso na mesma, devido ao uso dos níveis artificiais de

espessuras de 5x5cm. Portanto, houve a necessidade de se mudar para 10x10 cm, onde deu-se a continuidade da escavação até atingir-se 1,5 m de profundidade.

c) Análise dos dados e compilação do texto

Nesta fase, afectuou-se a análise e interpretação das evidências identificadas. De igual modo, foi efectuado a selecção de fotografias, produção de mapas para constar no trabalho final.

Em termos teóricos, este trabalho espelha-se com a arqueologia cognitiva de Colin Renfrew (1994), na medida que foram inferidas interpretações através das evidências arqueológicas identificadas em Nova Sofala e sua ligação com actividade do passado, neste caso, o comércio a longa distância. Deste modo, a arqueologia cognitiva, ajudará a procurar estudar as maneiras pelas quais os processos cognitivos operaram nas inter-relações de contextos sociais (Renfrew 1994:5).

No que diz respeito a estrutura do trabalho, está subdividido em V capítulos.

O primeiro capítulo é relativo a introdução, estando patentes objecto de estudo, justificativa, problema de pesquisa, pergunta de partida, objectivos (geral e específicos), hipóteses, definição dos conceitos e método de trabalho.

O segundo capítulo aborda sobre a revisão da literatura, podendo ser encontrados subcapítulos sobre investigação arqueológica na região Centro, período colonial, período pós-colonial e as fontes escritas.

O terceiro capítulo diz respeito as características geo-ambientais de Búzi-Nova Sofala, de onde estão patentes a localização geográfica, clima, vegetação, geologia e paisagem.

O quarto capítulo é relativo a Nova Sofala no contexto do comércio à longa distância no litoral e interior de Moçambique, de onde faz-se uma breve contextualização, evidências identificadas em Nova Sofala e correlação das evidências do comércio a longa distância de Nova Sofala e outros entrepostos/estações arqueológicas.

O quinto e último está reservado às considerações finais.

CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo apresentamos a revisão bibliográfica sobre a temática em análise, tendo como objecto a Nova Sofala. Sendo assim, foi necessário contextualizar cronologicamente as investigações arqueológicas na região que compreende Nova Sofala, assim como análise de relatos de fontes históricas de diferentes períodos. Com isso, foi possível delinear uma serie de informações que fundamentou a contribuição de Nova Sofala, como entreposto comercial.

2.1. Investigação arqueológica na região Centro

A investigação arqueológica teve seu início no período colonial. Tal como nas outras regiões, inicialmente foi efectuada por pesquisadores de outras áreas do conhecimento. No período subsequente, foi marcada por investigações efectuadas por arqueólogos. Neste sentido, a investigação nesta região pode ser dividida em dois períodos - colonial e pós-colonial.

2.1.1. Período colonial

No período colonial o destaque vai para Missão Antropológica de Moçambique, liderada por Santos Júnior, a partir da década 30 (Dos Santos Júnior 1940, 1961 citado por Madiquida 2015).

Entretanto, foram antecedidas descrições sobre amuralhados e pinturas rupestres na região centro e não só. Este facto, contribuiu para a criação da MAM, liderada por Santos Júnior. Esta organização contou com outros investigadores como Mendes Correia.

Em 1907 Carl Wiese, um arqueólogo alemão, realizou as primeiras escavações arqueológicas em Moçambique (período colonial), na gruta de Chifumbaze, província de Tete (Madiquida 2015).

Wieschoff efectuou estudos em 1930 em dois amuralhados na província de Manica, Niamarae e Magure, associados ao Estado Mutapa, dos séculos XV-XVII.

No âmbito da MAM, Santos Júnior efectuou trabalhos na região centro de Moçambique, concretamente, na província de Tete, através do estudo da Idade da Pedra (estação arqueológica de Marissa) e Idade do Ferro (estação arqueológica de Songo) (Sinclair 1987).

Santos Júnior efectuou, em 1946, trabalhos arqueológicos durante a 4.^a campanha da MAM, face as obras de construção de uma estrada que resultaram na disseminação de cerâmica. A estação localiza-se no Gurué e a cerâmica foi considerada muito antiga e mesma é relativa a fase inicial da expansão Bantu na África Austral (Rodrigues 2006:415-6).

Rosa de Oliveira (1963) efectuou trabalhos em Manica e Sofala, tendo concluído que a arqueologia nas regiões de Manica e Sofala tornou possível conhecer, de forma preliminar, localização de estações pré-históricas que podem ter servido de corredor de penetração nos tempos recuados para Zimbabwe, pois os rios Zambeze, Búzi, Púnguè ofereciam essas condições.

Oliveira (1971) efectuou ainda, estudos sobre as pinturas rupestres de Chinhapere, onde o autor descreve sobre os produtores das pinturas, como os seus hábitos. A cronologia de Chinhapere foi estabelecida por Henri Breuil e Van Riet Lowe datando de um período Pré-Bantu.

Dickinson (1969) efectuou pesquisas arqueológicas em Sofala com objetivo de ter informação histórica não abarcada por documentos escritos ou tradição oral. As pesquisas de Dickinson abarcaram várias fases, tendo efetuado recolha de evidências arqueológicas à superfície e escavação.

G. Liesegang (1972), com base nos trabalhos anteriores de Dickinson (1969 e 1971) e prospeção em 1969 e 1971 estudou Sofala no contexto do comércio pré-colonial assim como entreposto comercial português.

O geólogo Miguel Ramos levou a cabo trabalhos arqueológicos, no âmbito da construção da Barragem de Cahora Bassa na área de Songo, Província de Tete entre 1972 e 1973, que afectaria diferente património histórico-arqueológico e evidências geológicas (Ramos 1973; 1979; 1980 citado por Macamo 2006).

2.1.2. Período pós-colonial

Este período é caracterizado pela realização de investigações intensivas que foram importantes no estudo do passado humano.

Ricardo Teixeira e Maria da Luz Teixeira Duarte, realizaram trabalhos que culminaram com a descoberta da estação arqueológica de Mavita, em 1975. A estação apresenta os primeiros indícios da extensão para a costa da já determinada tradição de olaria designada por Gokomere, que se espalha pelo planalto interior que constitui grande parte do actual Zimbabwe (Duarte 1988:62).

Paul Sinclair (1987), juntamente com Teresa Cruz e Silva, identificaram em 1977, no âmbito da realização de Arqueologia de Salvaguarda na região Central de Moçambique, a estação arqueológica de Hola-Hola. A cerâmica desta estação tem similitudes com descoberta em Mavita, pertencente a Tradição Gokomere (Duarte 1988).

Tore Saetersdal (2004) e Eva Saetersdal deram início em 1997, as investigações sobre arte rupestre na província de Manica. Estes autores, localizaram diferentes estações com arte rupestre como também introduziram uma nova abordagem na pesquisa, interpretação e documentação da arte rupestre em Manica e Tete (Saetersdal 2004: 53 citado por Muianga 2006).

Macamo (2006) desencadeou investigações no Vale do Zambeze no intuito de estudar locais privilegiados, aliados a fontes arqueológicas, históricas, oral e ambiental. Com a sua investigação, Macamo identificou novas estações com importante papel no comércio a longa distância e também estudou estações arqueológicas já identificadas.

Madiquida (2015) desenvolveu investigações no baixo Zambeze, tendo dado início em 2001, com objectivo de compreender a construção social da paisagem, baseado em fontes materiais, escritas e orais. Esta investigação culminou com a identificação de estações arqueológicas da Idade da Pedra e Idade do Ferro.

2.1.3. Fontes escritas

Para Sheriff (2010:57, citado por Madime 2015:26), as fontes documentais antigas greco-romanas e medievais como *Périplo do Mar da Eritreia* oferecem referências indiretas a região da costa oriental africana, enquanto que Djait (2010:78) argumenta

que estas fontes caracterizam-se por serem testemunhos conscientes, em sua maioria, anais, crônicas de viagens ou geografias.

Fontes Árabes, descrevem viajantes como Al Masudi (séc. X), Ibn Batuta (séc. XIV) e Al Idrisi, Buzurg Ibn Shariyan descrevem sobre o comércio com a costa oriental africana desde finais do I Milénio (Juma 2004:17).

Fontes Chinesas, descritas por geógrafos chineses tinham um conhecimento da região oriental de África, desde o século X (Ki-Zerbo 1972:157 citado por Madime 2015:27).

Para Newitt (1997:27 citado por Madime 2015), no século XVI, embora Sofala fosse o porto maior, havia uma série de cidades costeiras que se estabeleciam, pelo menos, até ao sul do rio Save, alguns quilômetros para além de Sofala, como Chiloane, e mais adiante Bazaruto.

Sobre as fontes portuguesas, no século XV é o da expansão europeia, e os portugueses chegam às costas da África. As primeiras informações portuguesas quase precisas sobre a região de Sofala datam de 1498, quando Vasco da Gama escala em Moçambique (na baía de Inhambane), durante o seu percurso à Índia, e depois a partir de 1502, quando os Portugueses se fixaram em Sofala (Hrbek 2010:114 citado por Madime 2015:27). Relatos de Frei João dos Santos ([1609] 1999), Padre António Gomes (1648), Frei Francisco de Santa Catarina³ (1744), Pedro Barreto de Resende (1635), entre outros contêm ricas informações sobre a região de Sofala.

CAPÍTULO III – CARACTERÍSTICAS GEO-AMBIENTAIS DE BÚZI-NOVA SOFALA

Neste capítulo pretendemos apresentar a situação geográfica e ambiental do distrito de búzi e Nova Sofala em particular, com objectivo de conhecer a localização geográfica, clima, vegetação, geologia e paisagem.

1.1. Localização geográfica

Nova Sofala está localizada no distrito de Búzi, província de Sofala. Por sua vez, o distrito de Búzi está localizado a Sudeste da Província de Sofala, sendo limitado a Norte pelos distritos de Nhamatanda e Dondo, a Oeste os distritos de Chibabava e Gondola (Manica) e a Este pelo Oceano Índico (MAE 2014:1).



Mapa 3.1: Localização geográfica do Distrito de Búzi (fonte: adaptado do googlemaps).

O vocábulo Sofala deriva da palavra árabe “*Sufalah*” que significa terras baixas (Carvalho 1988: 57 citado por Madime 2015:15).



Mapa 3.2: Localização geográfica de Nova Sofala (fonte: adaptado do Google Earth).



Mapa 3. 4: Local escavado, Nova Sofala (fonte: adaptado do googleeearth2021)

2.2. Clima

Em termos de temperatura, a região que compreende a estação de Nova Sofala é caracterizada por um clima (Segundo a classificação climática de Köppen) que ocorrem em dois tipos, nomeadamente, tipo Tropical Chuvoso de Savana-Aw, ao longo da faixa costeira e Tropical Temperado Húmido – Cw, no interior, observando-se em ambos

casos duas estações, a chuvosa e a seca. A localização do Distrito na zona costeira condiciona o clima da região, dada a grande influência do anticiclone do Índico nos fenómenos meteorológicos. Este factor condiciona a ocorrência de um clima tropical húmido, típico da região costeira de Moçambique caracterizado por dois períodos climáticos distintos (MAE 2014:1-2).

A estação húmida, quente e chuvosa, que se regista de Novembro a Março, caracterizado por elevada queda pluviométrica e por vezes pela ocorrência de chuvas ciclónicas. O período seco e frio tem lugar entre os meses de Abril e Outubro, altura em que a região está sob influência da acção dos anticiclones do hemisfério Sul (Idem).

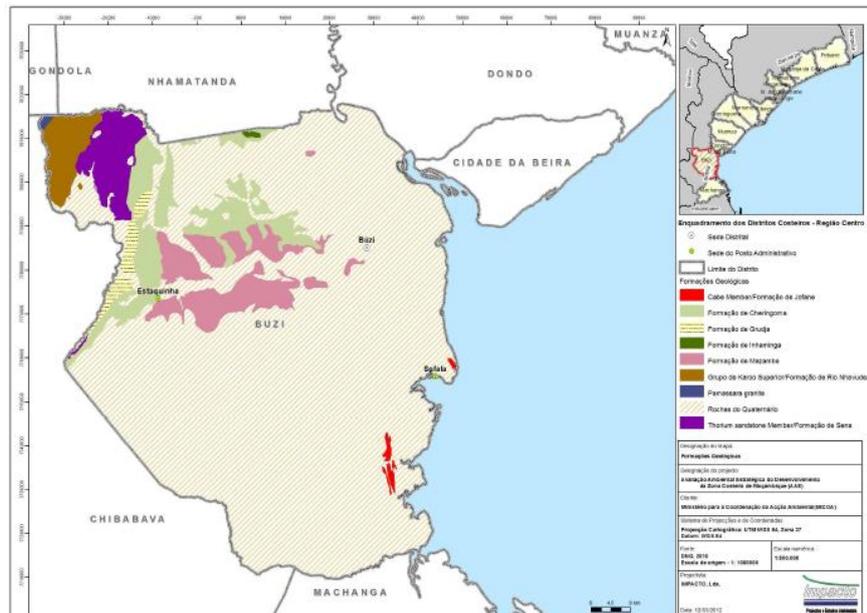
1.2. Vegetação

Em termos florísticos, os mangais e florestas de transição, entre a Beira e Macovane, são os mais ricos em Moçambique e, provavelmente, estão entre os mais ricos em toda a costa Este de África. Na região Este de Búzi, na zona sublitoral, ocorre a savana de palmeiras em terras pantanosas onde são frequentes palmeiras dos géneros *Borassus* e *Hyphaene*, intercaladas com outras espécies como *Julbernardia globiflora* e *Burkea – Pterocarpus angolensis*.

O interior do distrito é ocupado por matagais ou matas de miombo decíduo com pequenas árvores e arbustos dispersos onde os dambos são frequentes. Árvores das espécies *Ostryoderris stuhlmannii*, *Burkea africana*, *Julbernardia globiflora*, *Sclerocarya caffra*, entre outras, e arbustos como *Psorospermum febrifugum*, *Tabernaemontana*, entre outras. Nesta região são também comuns pradarias sujeitas a inundações, consistindo de *Hyparrhenia* spp., *Ischaemum* e *Setaria*.

Numa pequena porção da região Noroeste, no vale onde ocorre a confluência dos rios Búzi e Revué, ocorrem savanas de acácias onde é dominante a espécie *Acacia nigrescens* para além de algumas outras espécies como *Albizia harveyi*, *Combretum imberbe*, *Ghasalense*, entre outras (MICOA 2012:21).

Parte considerável da vegetação natural, encontra-se profundamente alterada pela influência humana, particularmente, devido a prática de agricultura, queimadas e exploração florestal para comercialização da madeira, material de construção e combustível lenhoso (MAE 2014:4).



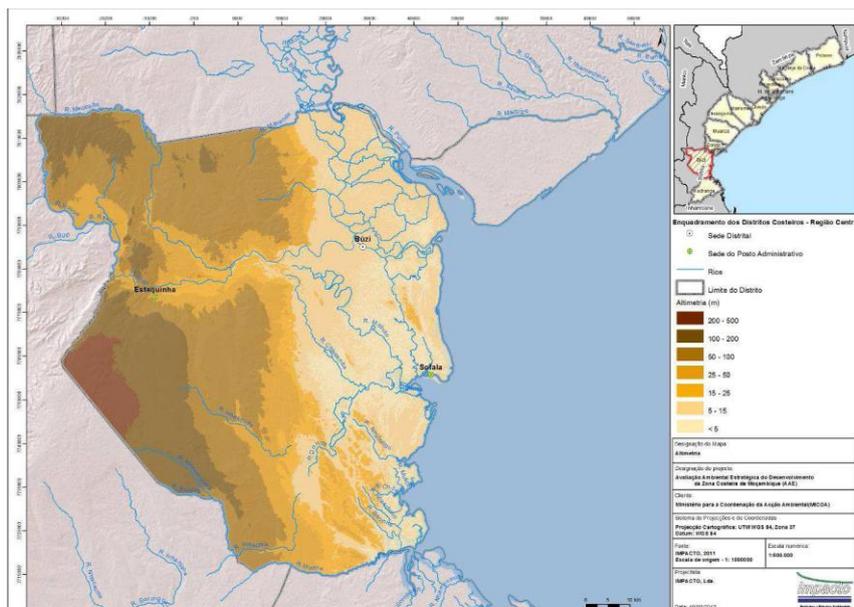
Mapa 3.6: Formação geológica do distrito de Búzi (Fonte: MICOA 2012:9).

1.4 Solos

O distrito de Búzi é dominado por três grandes unidades de solos: hidromórficos, arenosos e regossolos. Estes agrupamentos de solos, na sua maioria, são solos de grande potencial agrícola e boa aptidão para culturas de sequeiro, dado o seu nível de fertilidade natural.

No Distrito de Búzi predominam os solos de mananga com cobertura arenosa de espessura variável (cerca de 49 % da área total do distrito), constituídos a partir da associação de solos de diferentes texturas, solos de coluviões argilosos, solos arenosos e solos líticos sobre seixos rolados, seguindo-se os solos de sedimentos marinhos estuarinos (31 %) e os solos arenosos não especificados (12%). As restantes tipologias de solos, solos de coluviões, solos basálticos vermelhos e pretos e solos de aluviões argilosos, ocorrem em cerca de 8 % da área do distrito.

Na zona litoral, os solos são essencialmente constituídos por sedimentos marinhos estuarinos, com algumas unidades, a Sul da Sede do Distrito é constituído por solos arenosos amarelados e dunas costeiras. No interior do distrito predominam os solos de mananga. No vale do Rio Búzi ocorrem solos aluvionares. Relevo é composto por solos fluviais, caracterizados, ainda, por dunas e depressões. Enquanto isso, a savana por seu lado, determina a vegetação da região (MAE 2014:1-2).



Mapa 3.7: Geologia de Búzi (Fonte: MICOA 2012:7).

1.5 Paisagem

A área do distrito é de 7.229 km². O Distrito de Búzi tem ilhas fluviais nas fozes dos rios Púngué e Búzi (MICOA 2012:1). A região que compreende Nova Sofala é parte integrante do banco de Sofala, conferindo-lhe a riqueza em recursos pesqueiros de valor comercial. A sede do Distrito fica a cerca de 30 milhas (aproximadamente 48 km) da Cidade da Beira com acesso directo à mesma, por via marítima (MAE 2014:1).

O Distrito do Búzi é constituído por duas unidades geológicas que são caracterizadas por rochas metamórficas e sedimentares (Idem). O Distrito de Búzi situa-se na zona das grandes planícies costeiras do país, com a altitude a aumentar suavemente da costa para o interior do distrito (MICOA 2012:5).

Em termos de ocupação da paisagem, as matas ocupam mais de metade da área do distrito (54,2 %; 3.919 km²), seguindo-se as terras húmidas (21,6 %; 1.562 km²), os matagais (7,4 %; 5.36 km²), as florestas densas (3,2 %; 229 km²) e os mangais (2,5 %; 179 km²). Seguem-se outras áreas menores ocupadas pelos assentamentos humanos ou, ainda, áreas degradadas e sem vegetação (MICOA 2012:21).

A paisagem como uma expressão formal das numerosas relações existentes num dado período entre o indivíduo ou uma sociedade e um território topograficamente definido, está representada em Nova Sofala. A paisagem em Nova Sofala, conforme Baranha (2016:32), também resulta da acção, ao longo do tempo, de factores naturais e humanos,

formadas por várias combinações de elementos humanos e naturais que ilustram a evolução da sociedade humana.



Figura 3.1: Paisagem da região de Nova Sofala (Fonte: MICOA 2012:27).

CAPÍTULO IV - NOVA SOFALA NO CONTEXTO DO COMÉRCIO À LONGA DISTÂNCIA NO LITORAL E INTERIOR DE MOÇAMBIQUE

Neste capítulo pretendemos analisar e interpretar as evidências de Nova Sofala com objectivo de conhecer seu contributo no estudo do período do comércio a longa distância. Neste contexto, efectuamos uma breve contextualização de evidências identificadas e correlação das evidências do comércio à longa distância de Nova Sofala e outros entrepostos.

4.1. Breve contextualização

O comércio a longa distância no litoral e interior de Moçambique desenvolveu-se em diferentes fases, sendo que a primeira estava relacionada ao comércio asiático e a segunda ao europeu. Entretanto, segundo Madiquida (2015:75), a revisão das fontes históricas sobre o comércio e meios de subsistência ao longo da costa sugere a divisão em três principais períodos: o primeiro período ou o período antigo está associado com o primeiro século do I Milénio AD, onde os Greco-Romanos frequentemente visitavam a costa até o rio Rovuma.

O segundo e o terceiro período são caracterizados pela produção de grande volume de informação sobre a costa de Sofala e, especialmente, sobre o delta de Zambeze. A informação desses dois períodos está associada a Idade do Ferro Superior e o comércio a longa distância e as comunidades costeiras são descritas de forma mais detalhada.

Devido a fundação da vila muçulmana no interior (Sena), ao longo do rio Zambeze, antes da penetração portuguesa nessa área, o delta e a foz do rio Zambeze, tornou-se o principal centro de entrada de produtos para o interior. Os entrepostos comerciais na foz do rio Zambeze eram os principais destinos dos produtos antes de serem transportados em pequenas embarcações para o interior (Idem).

Os Árabes construíam pequenas povoações à beira-mar ou na margem dos rios para realizar as trocas comerciais, que incluíam a troca de produtos locais e exóticos. Estes lugares eram chamados de feitoria. Neste contexto, a primeira feitoria fundada em Moçambique foi a de Sofala. Entretanto, do interior eram levados productos que eram vendidos nos mercados asiáticos com grandes lucros, porque eram muito procurados (Rita-Ferreira 1978:8).

A segunda fase (século XV), está relacionada a penetração mercantil europeia, que através da expedição chefiada pelo navegador Vasco da Gama, deu início a descoberta do caminho marítimo para Índia. Quando os portugueses chegaram em Moçambique, já havia um complexo sistema de intercâmbio, ligando, através do Oceano Índico, povos e civilizações diversas (Duarte 1987:6).

4.2.Evidências identificadas em Nova Sofala

Durante a prospecção e escavação arqueológica foram identificados diferentes tipos de material: cerâmica local, escória de fundição de ferro, ossos de gado e material lítico, porcelana e missangas vidradas indo-pacíficas.

O território do distrito de Buzi fez parte do antigo império do Muenemutapa (cerca de 1440-1450) integrando também as terras dos actuais distritos de Chibabava e Machanga, (MAE 2005:7).

a) Material local

Tanto na Sanja A e B, foram identificados cacos de cerâmica decorada. Os ossos de animais encontrados provavelmente são de gado e evidenciam a sua criação, tendo tido um papel imprescindível no II Milénio A.D.



Fotografia 4.2: Cerâmica local identificada à superfície (fotografia tirada por Rafael 2018).



Fotografia 4.3: Cerâmica local Sanja A e B, sucessivamente (fotografias tiradas por Rafael 2018).



Fotografia 4.4: Ossos de animais identificados à profundidade de 100-120 cm, Sanja B (fotografia tirada por Rafael 2018).

Por outro lado, as conchas demonstram que as comunidades de Nova Sofala tinham uma dieta alimentar baseada nas actividades primárias com destaque para agricultura e secundárias, com destaque para uso de recursos marinhos, face a sua localização na costa do oceano Índico. As outras evidências são constituídas por escória de fundição de ferro.



Fotografia 4.5: Cerâmica *in situ* a 100-120cm, Sanja B (fotografia tirada por Rafael 2018).

b) Material importado

As evidências ligadas ao comércio a longa distância identificadas são constituídas por porcelana, que apresentam cor azul no branco e missangas vidradas indopacíficas que, na sua maioria, são de cor vermelha e menor de cor branca e arosadas.

A porcelana e missangas vidradas são resultado do comércio à longa distância e evidenciam que, para além de Nova Sofala estar interligada a uma rede comercial ao litoral e interior de Moçambique, mantinham ligações com regiões longínquas como Asia e Europa.

As missangas faziam parte do comércio antes dos portugueses. O primeiro contacto com povos estrangeiros teve lugar no século VIII, quando os árabes se instalaram na Baía de Sofala e iniciaram as suas actividades comerciais de ouro e marfim no Império de Muenemutapa, do qual Búzi fazia parte até ao século XV (MAE 2005).



Fotografia 4.6: Missangas e porcelana chinesa, sucessivamente (fotografias tiradas por Rafael 2018).

Tabela 4.1: Evidências de Nova Sofala

Material local	Material importado
Cerâmica	Missangas vidradas
Ossos de gado	Porcelana Chinesa e Europeia
Conchas	

4.3. Correlação das evidências do comércio a longa distância de Nova Sofala

As missangas identificadas em Nova Sofala, partilham características com as da estação arqueológica de K2 no complexo de Mapungubwe. A estação arqueológica de K2 está

localizada a, aproximadamente ,1 km de colina de Mapungubwe, tendo sido identificadas mais de 1000 missangas vidradas (Tournié *et al.* 2010:28). A estação de K2 apresenta diversos níveis de ocupação, mas foi efectuada uma nova datação através de C14, a partir das evidências das escavações efectuadas em 1960-1975, tendo datado de 1280 A.D (Meyer 1998 citado por Tournié *et al.* 2010:28).

Na Bacia Shashe-Limpopo, durante os séculos XI a XIII, desenvolveram-se importantes centros com especial enfoque para as estações de K2 e Mapungubwe. No século XIV um importante centro regional desenvolveu-se em Grande Zimbabwe, que foi o centro mais próspero da região. Entretanto, tanto no Grande Zimbabwe assim como no Shase-Limpopo, vários tipos de missangas foram encontradas (Wood 2009:219).

Tabela 4.2: Classificação de séries de missangas vidradas baseada na morfologia de acordo com Wood 2011.

Bead series	Traded period in southern Africa	Method of manufacture	Size	Colour	Shape
Zhizo	ca. 8-10 AD	Drawn	2.5-13 mm diameter up tp 20 mm long	Cobalt, yellow, blue-green, green	Tubes
K2	ca. AD 980-1200	Drawn	-Small -2-3.5 mm diameter 1.2-4 mm long	Transparent to translucent blue-green to light green	Tubes, cylinders
K2 Garden Roller	ca. AD 980-1200	Reheated K2 series beads in single-use clay mould	-Large -10 to14 mm diameter to 7 to 15 mm long	Transparent to translucent blue-green to light green	Barrel-shaped
Indo-Pacific	ca. AD 1000-1250	Drawn with ends rounded through reheated	Vary but most are 2.5 to 4.5 mm diameter	Black and brownish-red beads are opaque; yellow, soft orange, green and blue-green are translucent	Vary but most are cylindrical
Mapungubwe oblate	ca. AD 1240-1300	Drawn, Heat rounded	Uniform 2 to 3.5 mm diameter	Opaque black the most common Cobalt blue, green, plum, turquoise, bright orange	Uniform Oblate or cylindrical with well-rounded end
Islamic	Ca. AD 1250-1300	Not well defined	large	Decorated with patterns made up of glasses of several colours	Not well defined

O rio Limpopo estava conectado à costa litoral africana através dos entrepostos do Sultanato Swahili de Kilwa, Sofala, entre outros. O comercio interligava a costa litoral africana até o Mar Vermelho, Golfo Árabe, Índia, Champa e China (Saitowitz 1996; Colomban 2005 citados por Tournié *et al.* 2010:31).

As importações exóticas, quando encontradas em um contexto arqueológico, são provas claras do comércio internacional e se a proveniência do objeto for determinada, pode-se lançar a luz sobre as rotas de comércio e até datar, aproximadamente, o local. Desvendar o início da história da África subsaariana é de fundamental importância, uma vez que apenas alguns registos escritos da era pré-portuguesa existem na literatura ocidental e até o século XIX também são esparsos. As contas de vidro são os produtos comerciais importados mais abundantes que foram conservados e escavados em sítios arqueológicos em toda a África (Tournié *et al.* 2010:31).

Entretanto, quando os portugueses se aperceberam da vantagem da costa litoral de Moçambique, particularmente a norte, preocuparam-se, desde logo, em ocupar a Nova Sofala e mais tarde a Ilha de Moçambique, que era outra posição estratégica e de interesse comercial. Assim, os portugueses com a pretensão de substituir os árabes no controlo de todo o comércio da costa oriental de África, enveredaram por ataques, os quais os árabes ofereceram uma forte resistência, mas acabaram sendo derrotados (Rita-Ferreira 1978:10).

A região de Sofala, a partir do início do segundo milênio AD, estaria ligada ao comércio internacional com o Golfo Pérsico. Al-Massudi¹¹ assinala a existência de Sofala antes do séc. X, sendo o limite da navegação árabe para o sul e centro das atividades comerciais na região costeira do Canal de Moçambique (Carvalho 1988:59), e cuja administração dependia de proeminentes entrepostos costeiros muçulmanos, como Unguja Ukuu (Zanzibar), Kilwa (Tanzânia) ou Manda (Quênia) (Morais 1989 citado por Madime 2015:15).

A Costa Oriental de África, caracteriza-se pela facilidade de acesso, quer através do interior, quer através do mar. O mar foi uma via de contactos e de interacção com o mundo exterior, principalmente via do comércio marítimo (Sheriff 2010:57 citado por Madime 2015:25).

A costa litoral ligava-se a um interior com regiões férteis e ricas com extensos rios, variada fauna e jazidas minerais, destacando-se as de ferro, ouro, prata e cobre. Estas riquezas atraíram, durante séculos, comerciantes das mais diversas origens da Ásia que se dirigiam para negociar com as populações locais (Duarte 1987:5).

Em Nova Sofala, também foi identificada porcelana de origem europeia, e aparecem como resultado da fixação dos portugueses em 1502, para controlar as rotas comerciais provenientes do interior, principalmente, o escoamento do ouro (Madime 2015:3). Quando os portugueses chegaram a Moçambique já havia um complexo sistema de intercâmbio que estava montado, ligando, através do Oceano Indico, povos e civilizações diversas. Desde as conquistas do grande rei da Macedónia, Alexandre o Grande (356 323 a.c.), que o comércio desta região do mundo se ligou a Europa (Duarte 1987:6).

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estação arqueológica de Nova Sofala, pelas evidências identificadas e relatos de documentos dos diferentes períodos, desempenha um papel imprescindível no estudo e percepção sobre o desenvolvimento do comércio e intercâmbio cultural entre a região que compreende Moçambique com Asia e Europa assim como outras regiões de África.

A comunidade de Sofala, praticava agricultura e criação de gado, trabalho do ferro, produção de olaria e recolha de moluscos. Em Nova Sofala, foram identificadas evidências de origem local e importadas. As evidências do comércio a longa distância demonstram que a região estava interligada a uma rede comercial que permitiu que produtos fossem escoados do interior para a costa e por sua vez para regiões da Asia e Europa e vice-versa.

Nova Sofala desempenhou um papel fundamental na distribuição de produtos exóticos no litoral e interior. Pelas evidências identificadas e suas respectivas características, Nova Sofala mantinha ligações comerciais com o vale do Limpopo e outros entrepostos da costa litoral.

Em parte, a localização de Nova Sofala, contribuiu para sua ocupação pelos árabes e posterior pelos portugueses, o que provocou uma acurada disputa de capitais mercantis entre os dois (árabes e portugueses). Nova Sofala, permitiu o escoamento de produtos e acesso as zonas auríferas do interior. Contudo, Nova Sofala foi um dos principais entrepostos comerciais da costa litoral de Africa.

Referências bibliográficas

- Barrana, H. 2016. Património cultural: conceitos e critérios fundamentais. Lisboa: ICMOS-Portugal.
- De Carvalho, T.N. 2013. Registos da biodiversidade africana anotados por frei João dos Santos em “Etiópia Oriental” (Évora, 1609). Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Dickinson, R.W. 1971. Archaeological investigation at Nova Mambone, Moçambique, May 22nd–June 4th, 1971. *Monumenta* 7: 23 – 33.
- Dickinson, R.W. 1969. *The Archaeology of the Sofala Coast*. Salisbury, Rhodesia: University of Rhodesia.
- Dos Muchangos, Aniceto. 1999. *Moçambique, Paisagens e Regiões Naturais*. Maputo: Tipografia Globo.
- Duarte, R. T. 1993. *Northern Mozambique in the Swahili world: an Archaeological approach*. Uppsala University. Uppsala.
- Duarte, R.T. 1988. Arqueologia da Idade do Ferro em Moçambique (retrospectiva do trabalho realizado). *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia* nº5:57-74. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane-DAA.
- Duarte, R. T. 1987. Moçambique e o Índico: Evidências Arqueológicas do Passado de Moçambique na sua relação com a História dos contactos comerciais entre os diversos povos do Oceano Índico. *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia* 3. 1-17. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane-DAA.
- Duarte, T. 2012. Maritime History in Mozambique and East Africa: The Urgent Need for the Proper Study and Preservation of Endangered Underwater Cultural Heritage. *Journal of Maritime Archaeology*. Springer.
- Ekblom, A. 2004. *Changing Landscape: an environmental history of Chibueni, South Mozambique*. Uppsala. Studies in Global Archaeology 5. Department of Archaeology and Ancient History. Uppsala.

Faquirá, A. 2015. Contribuição para o Estudo e Gestão do Património Arqueológico ligado ao antigo Povoamento Costeiro do Norte de Moçambique. Tese de licenciatura: UEM-FLACS.

Hrbek, I. 2010. As fontes escritas a partir do século XV. In: Joseph Ki-Zerbo. (Ed.). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2ªed. Rev. Brasília: UNESCO, 2010. 992. P.

Juma, A. 2004. *Unguja Ukuu on Zanzibar: an archaeological study of early urbanism*. Tese de Doutoramento. Studies in Global Archaeology 3. Uppsala, Department of Archaeology and Ancient History.

Ki-Zerbo, Joseph. 1972. *História da África Negra I*. Ed. Rer. e Act. Paris: Europa-América.

Liesegang, Gerhard. 1972. Archaeology on the Bay of Sofala. In Neville Chittick (Ed.). *Azania, n° 7*. Nairobi, pp 147 – 159.

Macamo, S. 2006. *Privileged places in south central Mozambique: The Archaeology of Manyikeni, Niamara, Songo and Dengue-Mufa*. Studies in Global Archaeology 4. Uppsala, Department of Archaeology and Ancient History.

Madiquida, H. 2007. *The Iron-using Communities of Cape Delgado Coast from AD 1000*. Studies in Global Archaeology 8. (tese de mestrado). Uppsala, Department of Archaeology and Ancient history.

Madiquida, H. 2015 - *Archaeological and Historical Reconstructions of the Foraging and Farming Communities of the Lower Zambezi: From the mid-Holocene to the second Millennium AD*. Studies in Global Archaeology 21. Uppsala, Department of Archaeology and ancient History.

Madiquida, H. 2006. The Iron Age communities in the Zambezi river basin: excavations in Mozambique. Calgary, Canada.

<http://cohesion.rice.edu/CentersAndInst/SAFA/emplibrary/Madiquida,H.SaFA2006.pdf>.

Ministério da administração Estatal. 2005. Perfis distritais de Moçambique. Disponível em <http://www.gov.net.gov.mz/>. acessado no dia 26 de Julho de 2015.

Ministério da Administração Estatal. Edição 2014. Perfil do Distrito do Búzi, Província de Sofala.

Mministério para a Coordenação da Acção Ambiental. 2012. Projecto de Avaliação Ambiental Estratégica da Zona Costeira – Moçambique. MICOA.

Oliveira, O.R. 1973. Zimbabwes de Moçambique: Proto-história africana. *Monumenta* 9, 31–64.

Ramos, M. 1973. Exploração arqueológica na área de Cahora-Bassa. *Separata de Actas das II Jornadas Arqueológicas 1*, 7-14. Lisboa.

Renfrew, C. 1994. *The Ancient Mind*. New York: Cambridge University Press.

Saetersdal, T. 2004. *Places, people and ancestors. Archaeology and society in Manica, Mozambique*. Bergen: University of Bergen.

Sheriff, Abdul M. H. 2010. A costa da Africa oriental e seu papel no comércio marítimo. In: Mokhtar, Gamal (Ed.). *História geral da África, II: África antiga* 2ª.ed. Rev. Brasília: UNESCO, 2010.1008 p.

Sinclair, P. 1987. Um Reconhecimento Arqueológico do Norte de Moçambique. *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia 3*: 23-33. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane-DAA.

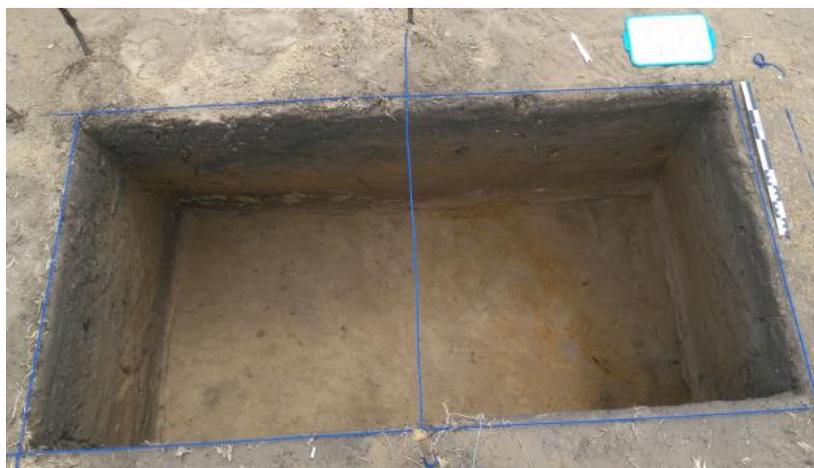
Tournié, A; Prinsloo, L; Colomban, P. 2010. Raman spectra database of the glass beads excavated on mapungubwe hill and K2, two archaeological sites in South Africa. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/47866110>. Acesso 25/08/2020.

Wieshoff, H.A. 1941. *The Zimbabwe-Monomotapa Culture in Southeast Africa*. Menasha: George Banta Publishing Company.

ANEXOS



Fotografia 1: Sanja A à 50cm de profundidade (fotografia tirada por Rafael 2018).



Fotografia 2: Sanja A à 130 cm profundidade (fotografia tirada por Rafael 2018).



Fotografia 3: Corte estratigráfica da Sanja B à 120 cm de profundidade (fotografia tirada por Rafael 2018).



Fotografia 4: Sanja B à 180 cm de profundidade (fotografia tirada por Rafael 2018).



Fotografia 5: Alguns dos vestígios de Nova Sofala (fotografia tirada por Rafael 2018).



Mapa 1: Área de estudo (Fotografia aérea obtida por drone, elaborado por Rafael 2018).